

O PSQUIATRA MAIS LIDO DO MUNDO NA ATUALIDADE

Autor do programa de Gestão da Emoção

AUGUSTO CURY

ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE JESUS CRISTO

Primeira análise da mente de Jesus Cristo sob
o ângulo da psiquiatria e da psicologia

5 MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS

EDIÇÃO ESPECIAL REUNINDO
OS CINCO TÍTULOS DA COLEÇÃO

O MESTRE DOS MESTRES | O MESTRE DA SENSIBILIDADE
O MESTRE DA VIDA | O MESTRE DO AMOR | O MESTRE INESQUECÍVEL

Eu, _____, dedico este livro a(o)_____.

Que o “Mestre dos Mestres” lhe ensine que nas falhas e lágrimas se esculpe a sabedoria.

Que o “Mestre da Sensibilidade” lhe ensine a contemplar as coisas simples e a navegar nas águas da emoção.

Que o “Mestre da Vida” lhe ensine a não ter medo de viver e a superar os momentos mais difíceis da sua história.

Que o “Mestre do Amor” lhe ensine que a vida é o maior espetáculo no teatro da existência.

Que o “Mestre Inesquecível” lhe ensine que os fracos julgam e desistem, enquanto os fortes compreendem e têm esperança.

Não somos perfeitos. Decepções, frustrações e perdas sempre acontecerão.

Mas Deus é o artesão do espírito e da alma humana. Não tenha medo.

Depois da mais longa noite surgirá o mais belo amanhecer. Espere-o.

_____/_____/_____

Apresentação

Vinte e cinco anos se passaram desde que me envolvi numa das mais complexas, arriscadas e ousadas jornadas científicas da psiquiatria e da pesquisa em psicologia: analisar a inteligência de Jesus Cristo e sua personalidade sob seus amplos aspectos e nos mais diversos ambientes socioemocionais pelos quais passou – inclusive alguns episódios estressantes em que raríssimos seres humanos teriam preservado sua saúde mental.

Pela ousadia desse projeto, se estivéssemos na época da Inquisição, eu seria um dos primeiros a serem atirados à fogueira. Por muito menos Galileu quase foi condenado a arder nas chamas ao afirmar que o Sol, e não a Terra, era o centro do Universo; e foi obrigado a negar sua tese para poder sobreviver!

Mas o esforço valeu a pena e o resultado foi fabuloso: milhões de leitores em muitos países, intelectuais e não intelectuais, líderes católicos, protestantes, espíritas, islamitas e budistas amaram profundamente esta obra e a tem utilizado como guia!

Como um mortal poderia ter coragem de investigar a mente mais incrível e impactante que pisou no teatro da humanidade? Nem mesmo notáveis filósofos como Agostinho, Tomás de Aquino, Spinoza, Kant, Søren Kierkegaard, Nietzsche e Sartre realizaram uma empreitada intelectual como esta.

O que me levou a entrar nesta complexa seara foi minha história como construtor de conhecimento. Na época, eu ainda não era o psiquiatra mais

lido do mundo, não era pesquisador nem professor de mestrado e doutorado da USP – era apenas um incansável explorador e pensador sobre o funcionamento da mente humana e seus sofisticados e ultrarrápidos processos construtivos.

Curiosamente, minha trajetória começou com um grave acidente emocional. Eu era um jovem estudante de medicina intrépido, inquieto e inconformado. Escrevia em meus cadernos ideias diferentes das que meus professores ensinavam, pois não concordava com muitas teorias que eles apresentavam. Eu era sociável e gostava de festas e jantares, mas atravessei uma grave crise depressiva que me fez perder o chão. Lágrimas serpenteavam pelo meu rosto mescladas às gotas do chuveiro, desaguando num sintoma que revelava uma total asfixia de meu prazer de viver. Pode alguém sociável experimentar o caos emocional? Sim! Eu o vivenciei. Mas, em vez de assumir uma postura vitimista e desistir da vida, fui ao encontro do lugar mais importante que alguém pode visitar – um endereço dentro de mim mesmo.

Em vez de me curvar à dor, comecei a me bombardear de perguntas. E as perguntas, não as respostas, são o princípio da sabedoria na ciência. Eu fazia milhares de questionamentos diários sobre áreas que poucos teóricos e cientistas adentraram, como: o que é o pensamento? Qual a sua natureza? Quais são seus tipos? Como eles podem ser construídos em milésimos de segundo? Porque não os controlamos? Do mesmo modo, fiz milhares de questionamentos sobre a formação da consciência, o desenvolvimento do Eu como gestor da mente humana e os complexos papéis conscientes e inconscientes da memória.

Essas viagens que fiz pelo meu planeta mente me iluminaram e me ajudaram a entender minha completa ignorância sobre a psique humana e sobre mim mesmo. Por fim, após estudar o processo de construção dos pensamentos, comecei a pesquisar o processo de formação de pensadores – e entendi que a educação mundial está doente, formando pessoas doentes em uma sociedade doente. Ela é racionalista, superficial, especialista em formar repetidores de dados, e não pensadores críticos e livres.

Sobre esses intrincados processos, escrevi mais de 3 mil páginas, nas quais expressava um novo tratado de construção de ideias, do Eu, da consciência, da evolução da memória. (Isso num país que não valoriza

seus cientistas, e muito menos a ciência básica!) Foram quase 20 anos antes de publicar meu primeiro livro. Você demoraria tanto tempo para escrever uma obra sem qualquer garantia de que seria publicada? Eu sabia que seria um risco alto. Depois de escrever essas 3 mil páginas (das quais 2 mil ainda permanecem inéditas) e de publicar os primeiros textos, comecei a pesquisar as mentes mais brilhantes que pisaram na Terra, como Nietzsche, Einstein e Freud.

Foi então que ousei estudar o mais incrível personagem que já impactou a humanidade. A partir das suas quatro biografias universalmente aceitas (os evangelhos), em suas várias versões, pesquisei a fundo.

Tive um passado de ateísmo na juventude, e depois de formado em medicina e de ter dedicado quase duas décadas à construção de conhecimento, entrei na minha fase mais contundentemente ateísta. Estudei Karl Marx, Jean-Paul Sartre, Sigmund Freud e Diderot, pois eles eram antirreligiosos, em essência; eu, por outro lado, era um ateu científico. Considerava a ideia de Deus uma estratégia do cérebro para suportar a dor gerada por pensar no caos autodestrutivo que a morte nos impõe na solidão do túmulo.

Esse foi o longo caminho que percorri até escrever a coleção *Análise da inteligência de Jesus Cristo*, composto pelos títulos *O mestre dos mestres*, *O mestre da sensibilidade*, *O mestre da vida*, *O mestre do amor* e *O mestre inesquecível* – que agora, pela primeira vez em 25 anos, são reunidos em uma edição especial.

Como um cético, comecei a questionar em detalhes se Jesus tinha ou não uma inteligência fenomenal. Poderia me decepcionar muito e reforçar meu ateísmo, mas cada análise me deixava mais perplexo! Ele era criativo nos focos de tensão? Era mentalmente livre quando o mundo desabava sobre ele? Sabia libertar seu imaginário e construir novas ideias sob o risco de morrer? Sua psicopedagogia formava pensadores fascinantes ou mentes toscas e adestradas? Era um defensor incondicional dos direitos humanos, inclusive das mulheres? Eu o comparava com outros pensadores e as diferenças eram gritantes. Por exemplo, Freud banuiu da família psicanalítica quem contrariava suas ideias; Einstein internou um filho num manicômio e nunca mais o visitou. Ambos foram grandes intelectuais, mas tinham baixo limiar para suportar frustrações, o que revelava sua imaturidade emocional.

Jesus Cristo, por sua vez, conseguiu ser inclusivo e altruísta até com seus detratores. Superando os mais altos parâmetros da psiquiatria, da psicologia e da sociologia, ele chamou Judas de amigo no ato da traição e lançou sobre Pedro um olhar acolhedor enquanto ele o negava vergonhosamente por três vezes! Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para enaltecer os excluídos. Ele protegeu prostitutas que não conhecia e as tratou como rainhas, e tocou leprosos desprezados como se fossem seus mais diletos amigos.

Foi um erro dramático Jesus Cristo ter sido estudado apenas pela teologia, pelas religiões e pela espiritualidade, desconsiderando sua inefável intelectualidade e emocionalidade. O meio acadêmico foi tímido, omissivo e infantil por não ter estudado sua mente também sob a luz das ciências humanas.

Você verá nesta obra que Jesus era capaz de fazer poesia nos momentos mais difíceis de sua existência e de rogar a Deus, quando todas as células do seu corpo morriam sobre o madeiro, que perdoasse seus torturadores.

Que homem é este? Que mente brilhante e inenarrável é esta? Pode ser que você fique impactado ao descobrir que o personagem mais famoso da história é o menos conhecido no teatro da sua mente. Talvez você nunca mais seja o mesmo! Se os grandes ateus tivessem estudado Jesus Cristo como eu fiz, eles provavelmente ainda não teriam uma religião, mas questionariam seu ateísmo e reveriam completamente a sua maneira de ser, pensar e existir.

Boa leitura!

Um abraço carinhoso,
Augusto Cury
Fevereiro de 2024

O MESTRE DOS MESTRES

**JESUS, O MAIOR EDUCADOR
DA HISTÓRIA**

LIVRO 1

*Ele dividiu a história da humanidade.
Agora a psicologia analisa a sua
intrigante inteligência...*

CAPÍTULO I

Características intrigantes da inteligência de Cristo

Brilhando na arte de pensar

A arte de pensar é a manifestação mais sublime da inteligência. Todos pensamos, mas nem todos desenvolvemos qualitativamente a arte de pensar. Por isso, frequentemente não expandimos as funções mais importantes da inteligência, tais como aprender a se interiorizar, a usar as dores para crescer em sabedoria, a trabalhar as perdas e frustrações com dignidade, a agregar ideias, a pensar com liberdade e consciência crítica, a romper as ditaduras intelectuais, a gerenciar com maturidade os pensamentos e emoções nos focos de tensão, a expandir a arte da contemplação do belo, a se doar sem a contrapartida do retorno, a se colocar no lugar do outro e considerar suas dores e necessidades psicossociais.

Muitos homens, ao longo da história, brilharam em suas inteligências e desenvolveram algumas áreas importantes do pensamento. Sócrates foi um questionador do mundo. Platão foi um investigador das relações sociopolíticas. Hipócrates foi o pai da medicina. Confúcio foi um filósofo da brandura. Sáquia-Múni, o fundador do budismo, foi um pensador da busca interior. Moisés foi o grande mediador do processo de libertação do povo de Israel, conduzindo-o até a terra de Canaã. Maomé, em sua peregrinação profética, foi o unificador do povo árabe, um povo que estava dividido e sem identidade. Há muitos outros homens que brilharam na inteligência, como Tomás

de Aquino, Agostinho, Hume, Bacon, Spinoza, Kant, Descartes, Galileu, Voltaire, Rousseau, Shakespeare, Hegel, Marx, Newton, Maxwell, Gandhi, Freud, Habermas, Heidegger, Kurt Lewin, Einstein e Viktor Frankl.

A temporalidade da vida humana é muito curta. Em poucos anos encerramos o espetáculo da existência. Infelizmente, poucos investem em sabedoria nesse breve espetáculo, por isso não se interiorizam, não se repensam. Se enumerarmos os seres humanos que brilharam em suas inteligências e investiram em sabedoria e compararmos esse número ao contingente de nossa espécie, ele se torna muito pequeno.

Independentemente de qualquer julgamento que possamos fazer, o fato é que esses seres humanos expandiram o mundo das ideias no campo científico, cultural, filosófico e espiritual. Alguns não se preocuparam com a notoriedade social, preferiram o anonimato, não se importando de divulgar suas ideias e escrever seus nomes nos anais da história. Porém, suas ideias não puderam ser sepultadas. Elas germinaram nas mentes e enriqueceram a história da humanidade. Estudar a inteligência desses homens pode nos ajudar muito a expandir nossa própria inteligência.

Houve um homem que viveu há muitos séculos e que não apenas brilhou em sua inteligência, mas era dono de uma personalidade intrigante, misteriosa e fascinante. Ele conquistou uma fama indescritível. O mundo comemora seu nascimento. Todavia, apesar de sua enorme fama, algumas áreas fundamentais da sua inteligência são pouco conhecidas. Ele destilava sabedoria diante das suas dores e era íntimo da arte de pensar. Esse homem foi Jesus Cristo.

A história de Cristo teve particularidades em toda a sua trajetória: do nascimento à morte. Ele abalou os alicerces da história humana através de sua própria história. Seu viver e seus pensamentos atravessaram gerações, varreram os séculos, embora ele nunca tenha procurado status social ou político.

Ele cresceu sem se submeter à cultura clássica do seu tempo. Quando abriu a boca, produziu pensamentos de inconfundível complexidade. Tinha pouco mais de 30 anos, mas perturbou profundamente a inteligência dos homens mais cultos de sua época. Os escribas e fariseus – que possuíam uma cultura milenar rica, eram intérpretes e mestres da lei – ficaram chocados com seus pensamentos.

Sua vida sempre foi árida, sem nenhum privilégio econômico ou social. Conheceu intimamente as dores da existência. Contudo, em vez de se preo-

cupar com as suas próprias dores e querer que o mundo gravitasse em torno das suas necessidades, ele se preocupava com as dores e necessidades alheias.

O sistema político e religioso não foi tolerante com ele, mas ele foi tolerante e dócil com todos, mesmo com seus mais ardentes opositores. Cristo vivenciou sofrimentos e perseguições desde a sua infância. Foi incompreendido, rejeitado, zombaram dele, cuspiram em seu rosto. Foi ferido física e psicologicamente. Porém, apesar de tantas misérias e sofrimentos, não desenvolveu uma emoção agressiva e ansiosa; pelo contrário, exalava tranquilidade diante das mais tensas situações e ainda tinha fôlego para discursar sobre o amor no seu mais poético sentido.

Muitos autores, ao longo dos séculos, abordaram Cristo em diferentes aspectos espirituais: sua divindade, seu propósito transcendental, seus atos sobrenaturais, seu reino celestial, sua ressurreição, a escatologia (doutrina das últimas coisas), etc. Quem quiser estudar esses aspectos terá de procurar os textos desses autores, pois a análise da inteligência de Cristo o investiga de outra perspectiva, de outro ângulo.

Este livro faz uma investigação talvez jamais realizada pela ciência da interpretação ou pela psicologia. Investiga a singular personalidade de Jesus Cristo. Analisa o funcionamento da sua surpreendente inteligência. Estuda sua arte de pensar, os meandros da construção de seus pensamentos nos seus focos de tensão.

A inteligência é composta de muitos elementos. Em síntese, ela se constitui da construção de pensamentos, da transformação da energia emocional, do processo de formação da consciência existencial (quem sou, como estou, onde estou), da história inconsciente arquivada na memória, da carga genética. Aqui definirei a personalidade como a manifestação da inteligência diante dos estímulos do mundo psíquico, bem como dos ambientes e das circunstâncias em que uma pessoa vive. Todo ser humano possui uma inteligência, mas nem todos desenvolvem suas funções mais importantes.

Durante as quase duas décadas em que tenho pesquisado o funcionamento da mente, a construção da inteligência e o processo de interpretação, posso afirmar com segurança que Jesus possuía uma personalidade bastante complexa, muito difícil de ser investigada, interpretada e compreendida. Este é um dos fatores que inibiram a ciência de procurar investigar e compreender, ainda que minimamente, a sua inteligência.

Analisar a inteligência de Jesus Cristo é um dos maiores desafios da ciência. Após ter desenvolvido os alicerces básicos de uma nova teoria sobre o funcionamento da mente, comecei a me envolver nesse enorme e estimulante projeto que é investigar a personalidade de Jesus. Foram anos de estudo, em que procurei, dentro das minhas limitações, fugir das respostas aleatórias e das explicações científicas superficiais.

Interpretar a história é uma tarefa intelectual das mais complexas. Significa reconstruí-la e não resgatá-la de maneira pura. Reconstruir os fatos, ambientes e circunstâncias do passado é um grande desafio. Se o leitor tentar resgatar as suas experiências mais marcantes, verificará que isso frequentemente reduz a dimensão das dores e dos prazeres vividos no passado. Estudaremos este assunto. Todo resgate do passado está sujeito a limitações e imperfeições. Este livro, que é um exercício de interpretação psicológica da história, não foge à regra.

Se interpretar a história é uma tarefa intelectual complexa e sinuosa, imagine como deve ser difícil investigar a inteligência de Cristo, os níveis de sua coerência intelectual, sua capacidade de gerenciar a construção de pensamentos, de transcender as ditaduras da inteligência, de superar as dores físicas e emocionais e de abrir as janelas da mente das pessoas que o cercavam.

Jesus possuía uma personalidade difícil de ser estudada. Suas reações intelectuais e emocionais eram tão surpreendentes e incomuns que ultrapassam os limites da previsibilidade psicológica. Apesar das dificuldades, é possível viajarmos por algumas avenidas fundamentais do seu pensamento e compreendermos algumas áreas importantes da sua inteligência.

Um enigma para a ciência em diversas áreas

Quem foi Jesus Cristo? Este livro, que pretende realizar uma análise psicológica da sua inteligência, não pode responder plenamente a essa pergunta, pois ela entra na esfera da fé, uma esfera que ultrapassa os limites da investigação científica, que transcende a ciência da interpretação. A ciência se cala quando a fé se inicia. A fé transcende a lógica, é uma convicção em que há ausência de dúvida. A ciência sobrevive da dúvida. Quanto maior for a dúvida, maior poderá ser a dimensão da resposta. Sem a arte da dúvida, a ciência não tem como sobreviver e expandir a sua produção de conhecimento.

Jesus discorria sobre a fé. Falava da necessidade de crer sem duvidar, de uma crença plena, completa, sem insegurança. Falava da fé como um misterioso processo de interiorização, como uma trajetória de vida clandestina. Discorria sobre a fé como um viver que transcende o mundo material, extrapola o sistema sensorial e cria raízes no âmago do espírito humano.

A ciência não tem como investigar o que é essa fé, pois, como suas raízes se encontram no cerne da experiência pessoal, ela não se torna um objeto de estudo investigável. Todavia, apesar de Jesus Cristo falar da fé como um processo de existência transcendental, ele não anulava a arte de pensar; pelo contrário, era um mestre excepcional nessa arte. Ele não discorria sobre uma fé sem inteligência.

Para ele, primeiro deveria se exercer a capacidade de pensar e refletir antes de crer, depois vinha o crer sem duvidar. Se estudarmos os quatro evangelhos e investigarmos a maneira como Jesus reagia e expressava seus pensamentos, constataremos que pensar com liberdade e consciência era uma obra-prima para ele.

Um dos maiores problemas enfrentados por Cristo era o cárcere intelectual em que as pessoas viviam, ou seja, a rigidez intelectual com que elas pensavam e compreendiam a si mesmas e o mundo que as envolvia. Por isso, apesar de falar da fé como ausência da dúvida, ele também era um mestre sofisticado na arte da dúvida. Ele a usava para abrir as janelas da inteligência das pessoas que o cercavam (*Lucas 5:23; 6:9; 7:42*).

Como Jesus usava a arte da dúvida? Se observarmos os textos dos quatro evangelhos, veremos que ele era um excelente indagador, um ousado questionador. Usava a arte da pergunta para conduzir as pessoas a se interiorizarem e a se questionarem. Também era um exímio contador de parábolas que perturbava os pensamentos de todos os seus ouvintes.

Quem é Jesus Cristo? Ele é o filho de Deus? Ele tem natureza divina? Ele é o autor da existência? Como ele se antecipava ao tempo e previa fatos ainda não acontecidos, tais como a traição de Judas e a negação de Pedro? Como realizava os atos sobrenaturais que deixavam as pessoas extasiadas? Como multiplicou alguns pães e peixes e saciou a fome de milhares de pessoas? Ele multiplicou a matéria, as moléculas, ou usou qualquer outro fenômeno? A ciência não pode dar essas respostas sobre Cristo nem outras tantas, pois essas perguntas entram na esfera da fé. Como disse, quando

começa a fé, que é íntima e pessoal de cada ser humano e que, portanto, deve ser respeitada, a ciência se cala. Jesus continuará sendo, em muitas áreas, um grande enigma para a ciência.

Não é possível comentar a sua inteligência em alguns capítulos. Sua arte de pensar é sofisticada demais para ser tratada em apenas um livro.

Ao investigarmos a sua inteligência, talvez possamos responder a algumas destas importantes perguntas: Cristo sempre expressava com elegância e coerência a sua inteligência nas várias situações tensas e angustiantes que vivia? Teria ele dividido a história da humanidade se não tivesse realizado nenhum ato sobrenatural? Por que suas palavras permanecem vivas até hoje, mexendo com centenas de milhões de pessoas de todas as línguas e de todos os níveis sociais, econômicos e culturais? Por que homens que nunca o viram ou nunca o tocaram – entre eles pensadores, filósofos e cientistas – disseram espantosamente, ao longo da história, que não apenas creram nele, mas também o amaram?

Realizaremos neste livro uma viagem intelectual interessante ao investigarmos a vida de Cristo. Ao contrário do que se possa pensar, ele gostava de ser estudado. Ele apreciava ser analisado e indagado com inteligência. Criticava as pessoas que o investigavam superficialmente. Em uma oportunidade, chegou até mesmo a convocar escribas e fariseus a estudarem mais profundamente a identidade e a origem de “Jesus Cristo” (*Marcos 12:35-37*).

As características ímpares da personalidade daquele que dividiu a história da humanidade

Nossa análise da inteligência de Cristo não obedecerá à ordem cronológica de sua vida, mas estudará as características da sua inteligência em situações específicas e em épocas distintas da sua história.

Este livro não defende uma religião. Sua meta é fazer uma investigação psicológica da personalidade de Cristo. Porém, os sofisticados princípios intelectuais da inteligência dele poderão contribuir para abrir as janelas da inteligência das pessoas de qualquer religião, mesmo as não cristãs. Tais princípios são tão complexos que diante deles até os ateus mais céticos poderão enriquecer sua capacidade de pensar.

É difícil encontrar alguém capaz de nos surpreender com as características da sua personalidade, capaz de nos convidar a nos interiorizar e repensar nossa história. Alguém que diante dos seus focos de tensão, contrariedades e dores emocionais tenha atitudes sofisticadas e consiga produzir pensamentos e emoções que fujam do padrão trivial. Alguém tão interessante que possua o dom de perturbar nossos conceitos e paradigmas existenciais.

Com o decorrer dos anos, à medida que atuei como psiquiatra, psicoterapeuta e pesquisador da inteligência, e investiguei diversos tipos de personalidades, compreendi que o ser humano, apesar da complexidade da sua mente, é frequentemente muito previsível. O Mestre dos Mestres fugia a essa regra. Possuía uma inteligência instigante capaz de provocar a inteligência de todos os que passavam por ele.

Ele tinha plena consciência do que fazia. Suas metas e prioridades eram bem estabelecidas (*Lucas 18:31; João 14:31*). Era seguro e determinado, ao mesmo tempo flexível, extremamente atencioso e educado. Tinha grande paciência para educar, mas não era um mestre passivo, e sim provocador. Despertava a sede de conhecimento nos seus íntimos (*João 1:37-51*). Informava pouco, porém educava muito. Era econômico no falar, dizendo muito com poucas palavras. Era ousadíssimo em expressar seus pensamentos, embora vivesse numa época em que imperava o autoritarismo.

Sua coragem para expressar os pensamentos trazia-lhe frequentes perseguições e sofrimentos. Todavia, quando queria falar, ainda que suas palavras lhe trouxessem grandes transtornos, não se intimidava. Mesclava a singeleza com a eloquência, a humildade com a coragem intelectual, a amabilidade com a perspicácia.

Cristo nasceu num país cuja identidade e sobrevivência estavam profundamente ameaçadas pelo autoritarismo e pela vaidade do Império Romano. O ambiente sociopolítico era angustiante. Sobreviver era uma tarefa difícil. A fome e a miséria constituíam o cotidiano das pessoas. O direito personalíssimo, ligado à liberdade de expressar o pensamento, era profundamente restringido pela cúpula judaica e amaldiçoado pelo Império Romano. A comunicação e o acesso às informações eram limitados.

Os judeus esperavam um grande líder, o Cristo (“ungido”), alguém capaz de reinar sobre eles, de resgatar-lhes a identidade e de libertá-los do jugo do Império Romano. Os membros da cúpula judaica viviam sob tensão política,

com sua sobrevivência sob ameaça e seus direitos aviltados. Porém, por causa de sua rigidez intelectual, não investigaram e, portanto, não reconheceram o Cristo humilde, tolerante, dócil e inteligente que não desejava status social nem poder político.

Esperavam alguém que os libertasse do jugo romano, mas veio alguém que queria libertar o ser humano das suas misérias psíquicas. Esperavam alguém que fizesse uma revolução exterior, mas veio alguém que propôs uma revolução interior. Esperavam um poderoso político, mas veio alguém que nasceu numa manjedoura, cresceu numa cidade desprezível, Nazaré, e se tornou um carpinteiro, vivendo no anonimato até os 30 anos.

Cristo não frequentou os bancos escolares nem se formou aos pés dos intelectuais da época, escribas e fariseus, mas frequentou a escola da existência, a escola da vida. Nessa escola, conheceu profundamente o pensamento, as limitações e as crises da existência humana. No anonimato, padeceu de angústias, dores físicas, opressões sociais, dificuldades de sobrevivência, frio, fome, rejeição social.

Na escola da existência, a maioria das pessoas não investe em sabedoria e a velhice não é sinal de maturidade. Nela, os títulos acadêmicos, o status social e a condição financeira não refletem a riqueza interior nem significam sucesso na liberdade de pensar, na arte da contemplação do belo, no prazer de viver. A escola da existência é abrangente, pois envolve toda a nossa trajetória de vida, incluindo até mesmo a instituição educacional.

A escola da existência é tão complexa que nela se pode ler uma infinidade de livros de autoajuda e continuar, ainda assim, a ser inseguro e ter dificuldade de lidar com as contrariedades. Nela, o maior sucesso não está fora das pessoas, mas em conquistar terreno dentro de si mesmas; a maior jornada não é exterior, e sim interna, percorrendo as trajetórias do próprio ser. Nessa escola, os melhores alunos não são aqueles que se gabam dos seus sucessos, mas os que reconhecem seus conflitos e limitações.

Todos nós passamos por determinadas angústias e ansiedades, pois algumas das mazelas da vida são imprevisíveis e inevitáveis. Na escola da existência aprende-se que se adquire experiência não só com os acertos e as conquistas, mas, muitas vezes, com as derrotas, as perdas e o caos emocional e social. Foi nessa escola tão sinuosa que Jesus se tornou o Mestre dos Mestres.

Ele foi mestre numa escola em que muitos intelectuais, cientistas,

psiquiatras e psicólogos são pequenos aprendizes. Muitos psiquiatras e psicoterapeutas possuem elegância intelectual enquanto estão dentro dos seus consultórios. São lúcidos e coerentes quando estão envolvidos na relação terapêutica com seus pacientes. Porém, a vida real pulsa fora dos consultórios de psiquiatria e psicoterapia. Assim, quando estão diante dos seus próprios estímulos estressantes – ou seja, das suas frustrações, perdas e dores emocionais – apresentam dificuldade para manter a lucidez e a coerência.

Do mesmo modo, muitas pessoas que frequentam uma reunião empresarial, científica ou religiosa apresentam um comportamento sereno e lúcido enquanto estão reunidas. Todavia, quando se encontram diante dos territórios turbulentos da vida, não sabem se reciclar, ser tolerantes, trabalhar suas contrariedades com dignidade.

A melhor maneira de conhecer a inteligência de uma pessoa é observá-la, não nos ambientes isentos de estímulos estressantes, mas nos territórios em que eles estão presentes.

Quem usa continuamente as angústias existenciais, as ansiedades, os estresses sociais, os desafios profissionais para enriquecer a arte de pensar e amadurecer a personalidade? Viver com dignidade e maturidade a vida que pulsa no palco de nossas existências é uma arte que todos temos dificuldade de aprender.

Pela elegância com que manifestava seus pensamentos, Cristo provavelmente usava cada angústia, cada perda, cada contrariedade como uma oportunidade para enriquecer sua compreensão da natureza humana. Era tão sofisticado na construção dos pensamentos que fazia até mesmo das suas misérias poesia. Dizia poeticamente que *“as raposas têm seus covis, as aves do céu têm seus ninhos, mas o filho do homem [ele] não tem onde reclinar a cabeça”* (Mateus 8:20). Como pode alguém falar elegantemente da própria miséria? Jesus era um poeta da existência. Suas biografias revelam que ele reconhecia e reciclava suas dores continuamente. Assim, em vez de ser destruído por elas, ele as usava como alicerce da sua inteligência.

O carpinteiro de Nazaré viveu no anonimato a maior parte de sua existência, porém, quando se manifestou, revolucionou o pensamento e o viver humanos. Seu projeto era audacioso. Ele afirmava que primeiro o interior – ou seja, o mundo dos pensamentos e das emoções – devia ser transformado; caso contrário, a mudança exterior não teria estabilidade, não

passaria de mera maquiagem social (*Marcos 7:17-23; João 8:36*). Para Cristo, a mudança exterior era uma consequência da transformação interior.

Apesar de a inteligência de Cristo ser excepcional, ele reunia todas as condições para confundir o pensamento humano. Nasceu numa pequena cidade. Seu parto foi entre os animais, sem qualquer espetáculo social, estética ou glamour.

Com menos de 2 anos, mal tinha iniciado sua vida, já estava condenado à morte por Herodes. Seus pais, apesar da riqueza interior, não tinham qualquer expressão social. A cidade em que cresceu era desprezada. Sua profissão era humilde. Seu corpo foi castigado pelas dificuldades de sobrevivência, e por isso alguns o consideravam envelhecido para a sua idade (*João 8:57*).

Não buscava ser o centro das atenções. Quando a fama batia-lhe à porta, procurava se interiorizar e fugir do assédio social. Não se autopromovia nem se autoelogiava. Não falava sobre sua identidade claramente, nem mesmo para seus discípulos mais íntimos, mas deixava que eles usassem a capacidade de pensar e a descobrissem por si mesmos (*Mateus 16:13-17*). Falava frequentemente na terceira pessoa, referindo-se ao seu Pai. Só falava na primeira pessoa em ocasiões especiais, nas quais sua ousadia era impressionante, deixando todos perplexos com suas palavras (*João 6:13-52; 8:12-13; 8:58-59*).

Jesus gostava de conviver com os desprovidos de valor social. Era o exemplo vivo de uma pessoa avessa a todo tipo de discriminação. Ninguém, por mais imoral e por mais defeitos que tivesse, era indigno de se relacionar com ele. Cristo se doava sem esperar nada em troca.

Diferentemente dos escribas e fariseus, dava mais importância à história das pessoas do que ao “pecado” como ato moral. Entrava no mundo delas, percorria a trajetória de suas vidas. Gostava de ouvi-las. A arte de ouvir era uma joia intelectual para ele.

Cristo não tinha formação psicoterapêutica, mas era um mestre da interpretação, pois conseguia captar os sentimentos íntimos das pessoas. Percebia seus conflitos mais ocultos e atuava neles com inteligência e eficiência. Era comum ele se antecipar e dar respostas a perguntas que ainda não tinham sido formuladas ou que as pessoas não tinham coragem de expressar (*Lucas 7:39-40; 11:17*).

Reagia com educação até quando o ofendiam profundamente. Era amável mesmo quando corrigia e repreendia alguém (*João 8:48-51; 53-54*). Não

expunha em público os erros das pessoas, mas ajudava-as com discrição, considerando-as acima dos seus erros, conduzindo-as a se repensarem.

Embora fosse eloquente, expunha e não impunha suas ideias. Não persuadia nem procurava convencer as pessoas a crerem nas suas palavras. Não as pressionava para que o seguissem, apenas as convidava (*João 6:35*). Suas parábolas não produziam respostas prontas, mas estimulavam a arte da dúvida e a produção de pensamentos.

Jesus não respondia às perguntas quando pressionado, sendo fiel à sua própria consciência. Não empregava meios escusos para conseguir determinados fins. Por isso, era mais fácil as pessoas ficarem perplexas diante dos seus pensamentos e reações do que compreendê-los. Ele foi, de fato, um grande teste para a cúpula de Israel. Cristo foi e continua sendo um grande enigma para a ciência e para os intelectuais de todas as gerações. Hoje, provavelmente, não poucas pessoas que afirmam segui-lo ficariam perturbadas por seus pensamentos se vivessem naquela época.

Cristo confundia a mente das pessoas que passavam por ele e, ao mesmo tempo, causava nelas – até nos seus opositores – profunda admiração. Maria, sua mãe, impressionava-se com o comportamento do filho e com seu discurso desde a infância. Quando ele falava, ela guardava em silêncio suas palavras (*Lucas 2:45-51*). Tinha apenas 12 anos de idade, e os doutores da lei, admirados, sentavam ao seu redor para ouvir sua sabedoria (*Lucas 2:39-44*). Seus discípulos ficavam continuamente atônitos com sua inteligência, enquanto seus opositores emudeciam diante do seu conhecimento e faziam “plantão” para ouvir suas palavras (*Mateus 22:22*). Até Pilatos parecia um menino perturbado diante dele (*Mateus 27:13-14*). Com a arrogância e o autoritarismo que lhe eram conferidos pelo poderoso Império Romano, Pilatos não podia suportar o silêncio de Cristo em seu interrogatório. A singeleza e a serenidade dele, mesmo diante do risco de morrer, chocavam a mente de Pilatos. A esposa do imperador, que não participava do julgamento de Cristo mas sabia o que estava acontecendo, ficou inquieta, sonhou com ele e teve seu sono perturbado (*Mateus 27:19*).

As pessoas discutiam continuamente a respeito de quem era aquele misterioso homem que parecia ter uma origem tão simples. Graças à sua intrigante e instigante inteligência, Cristo provavelmente foi o maior causador de insônia em sua época.

CONHEÇA OS TÍTULOS DE AUGUSTO CURY:

FICÇÃO

Coleção *O homem mais inteligente da história*

O homem mais inteligente da história

O homem mais feliz da história

O maior líder da história

O médico da emoção

O futuro da humanidade

A ditadura da beleza e a revolução das mulheres

Armadilhas da mente

NÃO FICÇÃO

Coleção *Análise da inteligência de Jesus Cristo*

O Mestre dos Mestres

O Mestre da Sensibilidade

O Mestre da Vida

O Mestre do Amor

O Mestre Inesquecível

Nunca desista de seus sonhos

Você é insubstituível

O código da inteligência

Os segredos do Pai-Nosso

A sabedoria nossa de cada dia

Revolucione sua qualidade de vida

Pais brilhantes, professores fascinantes

Inteligência socioemocional

Dez leis para ser feliz

Seja líder de si mesmo

Gerencie suas emoções

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

